

A CRIPTOMNÉSIA HISTÓRICO-CULTURAL NAS ARTES, NA RELIGIÃO E NAS GUARDAS DE CONGADO

HISTORICAL-CULTURAL CRYPTOMNESIA IN THE ARTS, RELIGION AND THE CONGADO GUARDS

Esp. João Flôres Alkmim¹

81

Introdução

O conteúdo deste ensaio, possui como eixo norteador, a tentativa de responder as indagações que foram suscitadas ao longo de muitas análises sobre a história e a cultura brasileira. Para tanto, vamos apropriar de um conceito criado pelo médico suíço, Théodore Flournoy, para seus estudos em psicologia, e aplicar essa base de estudo, no universo social.

O conceito de Criptomnésia (memória oculta em grego) usado na psicologia de Flournoy, para designar uma memória subconsciente como se fosse uma ideia original e atual, ganha, neste ensaio, uma conotação social, cultural e histórica que daremos o nome conceitual de Criptomnésia Histórico-Cultural, para designar uma memória oculta que está presente na sociedade brasileira em todas as suas manifestações sociais, culturais, artísticas e religiosas, mas que não são perceptíveis em sua inteireza e complexidade.

¹ Historiador e professor, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG. Pós-Graduado em metodologia do ensino pela Universidade Estadual de Minas Gerais -UEMG. Atua na área de Educação, Turismo, Cultura e Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Ocupou diversos cargos na Administração Pública, como: Diretor de Escola da Rede Municipal de Ensino de Betim-MG; Secretário Adjunto de Educação de Betim-MG; Coordenador de Ensino da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais; Secretário de Cultura e Turismo em Santa Luzia-MG; Coordenador de Políticas Culturais na Fundação Cultural do Município de Contagem-MG; Diretor de Políticas Culturais da Secretaria de Cultura, Esporte e Juventude de Contagem-MG; Conselheiro em diversos conselhos de educação, turismo e patrimônio histórico (artístico e cultural) em Minas Gerais. Autor do Livro: Gestão Pedagógica -Novo Paradigma para a Avaliação. Publicado em 2007. Livro este usado como bibliografia básica no Curso de Pedagogia da UEMG. SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.15, n.2, p.81-94, jul./dez.2024

A análise interpretativa sobre as origens da cultura brasileira, realizada nesta obra, traz em seu escopo uma abordagem psicossocial sobre a enorme colaboração dos africanos para a nossa sociedade. O conjunto axiológico dessas contribuições, alicerçou e sedimentou na formação ética, cultural, emocional, psicológica e social, as bases da nossa mentalidade contemporânea.

As avaliações e verificações históricas, contidas neste ensaio, serão circunscritas a temas pouco ou nunca interpretados por nossa vasta historiografia e serão trabalhados, sempre, sob um olhar analítico, sobre as nossas expressões artísticas e religiosas que trazem essa memória oculta.

Espero que as nossas percepções e conclusões sobre os fatos históricos e as configurações culturais, artísticas e religiosas, aqui estudadas, sejam relevantes para o conhecimento da nossa gênese e singularidade. Particularmente em relação à nossa literatura regional e as guardas de congado, manifestação artística, cultural e religiosa, declarada recentemente, patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais.

As reflexões contidas, neste ensaio, em relação ao que somos e de como podemos resgatar uma memória oculta, no tempo passado, manifesta um desejo de conhecer, como ela se apresenta de forma subjacente em nossa vida presente.

Fundamentação

A origem

Ao analisarmos todos os aspectos presentes no estudo da sociedade humana e da sua historicidade, fica patente, que na complexa sociedade do século XXI, não basta a construção de uma história descritiva baseada na historiografia tradicional. Assim, torna-se SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.15, n.2, p.81-94, jul./dez.2024

premente que se busque uma análise explicativa para tantos fenômenos sociais. Esses estudos, exigem dos historiadores, um olhar detido sobre o passado e a realidade presente, para dar coerência e sentido à trajetória humana ao longo da história.

Nessa perspectiva, a sociedade brasileira não pode prescindir de um estudo sobre a formação étnica e cultural do nosso povo e, sobretudo, da mescla que essas culturas realizaram em solo brasileiro. Além disso, entender os legados que essa interação antropológica nos proporciona na atualidade e como essa herança interfere diretamente na nossa constituição, é essencial um novo olhar sobre esse diálogo permanente entre os povos ancestrais que formaram os brasileiros contemporâneos, especialmente o ramo linguístico Banto.

Na grande diversidade cultural e política do amplo continente africano, encontramos uma constante cultural que é de grande interesse para o povo brasileiro, pois foi um dos pilares de nossa formação étnica. Essa constante cultural está expressa no agrupamento linguístico conhecido como Níger-Congo, ramo linguístico de onde se origina as etnias Banto, a maior matriz africana que formou a população do Brasil e a rica cultura brasileira, presente em todas as regiões do país.

As etnias Banto habitavam a África Ocidental, da zona compreendida pelas florestas tropicais do Congo ao sul do continente, no cabo da Boa Esperança, localização da atual cidade do Cabo, na África do Sul.

Dessa região, originou-se quase a totalidade dos africanos que vieram para Minas Gerais e mais da metade dos que vieram para o Brasil. Muito de nossa cultura e de nossas tradições vieram dessa influência, a qual foi decisiva para a nossa formação e para a construção de nossa identidade.

Os europeus designaram os grupos étnicos africanos como tribos, sendo, no entanto, uma forma preconceituosa e inconveniente de tratarmos, de tão rica cultura, com um termo extremamente reducionista que não expressa a real dimensão da pujança da sua influência em todo o mundo, sobretudo, nas Américas.

Todavia, a maior qualidade das etnias Banto que vieram para o Brasil foi resistir e legar boa parte de sua valorosa cultura às gerações futuras, passando a ser um dos elos da construção simbólica do imaginário popular e erudito do nosso imenso país.

A Arte

A arte africana, apesar de sua variedade dependendo de qual cultura pertença, de modo geral, possui características holísticas ligadas aos costumes e à funcionalidade do cotidiano. Esta arte, por suas características, extrapola em muito um lugar simplesmente de representação, mas, sim, adquire um caráter de formação imagética e de estruturação das relações sociais, como também percebemos no Brasil.

A arte africana constitui uma simbologia da vida e da existência nos planos da matéria, do concreto. Entretanto, foca todo a sua profusão holística, na incorporação do mundo espiritual e imaginário na vida cotidiana e real das pessoas.

A arte africana aborda sempre a figura humana, com todos os seus dilemas éticos, morais e religiosos. A arte desses povos são, a bem da verdade, representações da vida humana no mundo real e, também, no mundo dos espíritos, o qual integra e é parte importante da

realidade vivida, ou seja, eles não fazem distinção entre o real e o simbólico, para eles tudo faz parte de uma mesma e única realidade.

As máscaras são um capítulo à parte dessa arte, pois trazem consigo aspectos místicos e religiosos que causam transformações na relação desses povos com a sua própria realidade, e que funcionam como uma espécie de transe mediúnico - fazendo com que todos experimentem um tipo de situação que é então considerada como mágica - que habita tanto o mundo real quanto o mundo dos espíritos.

Nessa mesma linha, as referidas máscaras foram, portanto, absorvidas por nossa cultura e estão presentes, até os dias atuais, nas festas religiosas e populares que fazem parte desse nosso contexto e de toda essa nossa identidade sócio-histórico-cultural, a exemplo: do Carnaval, das festividades de Reis e de Congados, dos maracatus e da religião do Candomblé.

As máscaras e suas representações simbólicas são muito fortes no Brasil, no seu aspecto de transmutação dentro das diversas realidades, como ocorre no carnaval, em que as pessoas assumem novas personalidades e se transformam em personagens míticos.

Dessa forma, as etnias Banto faziam em África nas suas festividades religiosas, artísticas e culturais, as representações do imaginário, do fantástico e do real, em que se misturavam em um mesmo processo ou atividade, realidade e fantasia de forma harmônica. Assim, o fantástico, o imaginário e o real se estruturavam igualmente no mesmo plano de realidade, sendo tudo possível e, as vezes, a realidade e suas diversas dimensões, se transformavam em uma perspectiva de integração entre o fantástico e o real, ou seja, a fantasia falava mais alto.

A forma de agir e pensar, dessas etnias, são muito significativas no Brasil do século XXI, e demonstra um vínculo muito forte da racionalidade popular brasileira com a racionalidade das etnias Banto, demonstrando como essa visão de mundo marca a moralidade coletiva do nosso povo, demonstrando de forma cabal, a Criptomnésia Histórico-Cultural, inserida de forma indelével nos comportamentos artísticos e culturais do brasileiro do século XXI. Esses comportamentos, são apresentados como uma característica do presente, quando nada mais são, que um afloramento de memórias ocultas, que nascem como algo novo no presente.

A Religião

A religiosidade do povo Banto se baseava no animismo, ou seja, na crença em espíritos de diversas naturezas. O animismo advém de anima que significa alma em latim. O animismo é um princípio de correntes doutrinárias da filosofia que afirmam e tratam a alma como o sustentáculo de todas as coisas, ou seja, a existência de qualquer organismo está vinculada a existência de uma alma correspondente que lhe dê objetivos na vida.

Nas categorias antropológicas, o animismo está relacionado aos primeiros estágios de evolução da religiosidade humana, em que todas as coisas possuem uma alma e um propósito no mundo. Seja na concepção filosófica ou antropológica, o animismo traça uma relação mítica e mística com a realidade imposta a todos os seres, em especial, aos seres humanos.

O animismo é a crença em vários espíritos que atuam na terra junto com os homens. Os Bantos não separavam a realidade concreta do mundo irreal dos espíritos. Para eles, os homens e os espíritos habitavam concomitantemente o mesmo plano físico, a mesma realidade.

Nesse sistema de crenças, os homens e os espíritos agem, mutuamente, na construção do mundo à nossa volta. Eles são parceiros nas atividades cotidianas e na vida em sociedade.

Os Bantos acreditavam que a realidade era composta por uma Pirâmide Vital que unia o mundo visível ao mundo invisível e dessa união surgia a nossa realidade cotidiana.

Nessa concepção de existência, havia uma ordem hierárquica, que dava equilíbrio ao mundo e ao universo. Esse ordenamento era construído em dois planos distintos, baseados por definição de importância e de organização. Em primeiro plano encontram-se as divindades, os patriarcas, os espíritos da natureza e os ancestrais. Em segundo plano encontram-se os reis, a tribo, o clã, a família, os xamãs, os anciões, a comunidade, o ser humano, os animais, os vegetais, os minerais, os fenômenos naturais e as estrelas.

Nesse mundo físico/etéreo, segundo os Bantos, regido por um ser supremo que ordena todo esse universo, e que dependendo do local de proveniência do indivíduo, – no caso de ele ser originário do Gabão, do Congo ou de Angola - ele era, então, chamado de Kalunga, Zambi, Lessa ou Mvidie.

No Brasil colonial, particularmente em Minas Gerais, os Bantos foram os responsáveis por introduzir o Calundu, uma espécie de crença religiosa em que se acreditava que os espíritos da natureza, eram os responsáveis por produzir as doenças que assolavam boa parte da população. Para a cultura Banto, essas doenças – moléstias e malefícios de toda ordem – só poderiam ser expulsas do corpo, através da evocação de outros espíritos, que serviriam de antídoto contra todos aqueles males provenientes da alma.

O Calundu, segundo algumas especulações, poderia ser o ancestral do que era e ainda é, muito comum no interior do Brasil, que são as Bênçãos contra mau-olhado, o quebranto contra os maus súbitos, entre outros. Sendo as rezadeiras e benzedeiras, das localidades as mais distantes, as responsáveis pela cura e por impedir (utilizando-se de suas ervas e de suas mandingas) que as crianças e as pessoas, principalmente aquelas mais fragilizadas, viessem a adoecer e, portanto, sofressem sob a influência dos maus espíritos.

A presença da criptomnésia histórico-cultural na literatura regional brasileira e sua distinção do sincretismo

“O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.” (Frase final do livro Grande Sertão: Veredas)

Os conceitos de sincretismo religioso e Criptomnésia Histórico-Cultural, não podem ser confundidos, pois tratam de fenômenos diferentes em todos os aspectos. Enquanto o sincretismo trata das mesclas entre religiões, a Criptomnésia Histórico-Cultural trata das memórias, valores, credos e outras expressões subconscientes da religiosidade que estão inseridas nas práticas cotidianas, sejam elas religiosas ou não, sem que sejam percebidas por quem as exerce, observa, estuda ou analisa. Esses fenômenos são distintos na sua origem e, também, nos resultados sociais que apresentam.

Para que possamos desenvolver uma ideia clara sobre esse tema, vamos analisar alguns aspectos da obra-prima de Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas – sob o olhar da Criptomnésia Histórico-Cultural, para que tenhamos um entendimento dessas diferenças.

Na extraordinária obra de João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, o autor foi diretamente influenciado pela religião dos Bantos. A frase final do livro, que dá sentido e faz

o fechamento de toda a narrativa, é uma síntese da enorme influência da cosmologia imagética dos Bantos, presente na literatura de João Guimarães Rosa.

A estrutura semiótica do livro flerta de forma subliminar com essa percepção de mundo muito própria de nossos ancestrais. O universo rosiano, estabelece um diálogo com essa estrutura mental dos Bantos, em sua principal obra literária.

O eixo da narrativa e o desenrolar do enredo, nesse clássico de nossa literatura, estão vinculados à relação da personagem principal do livro - Riobaldo - com as forças sobrenaturais que determinam o seu poder para comandar e conduzir sua trajetória como chefe de jagunços no sertão, apoiado nas diretrizes do mundo metafísico, para cumprir seus desígnios no mundo real, e de seus dilemas entre o real e o imaginário, que perpassa toda a estrutura de construção da personagem e de suas ações.

A obra-prima de Guimarães Rosa, é toda estruturada na mentalidade do sertanejo, do interior de Minas Gerais, Goiás e Bahia. Esse homem do sertão, é fruto de uma forte influência religiosa dos Bantos no Brasil dos séculos XVIII e XIX.

Todas essas ritualizações e narrativas, aparecem como consolidadoras de uma intersecção religiosa travada no interior do Brasil, entre o calundu (africano) e o catolicismo (europeu). Esse hibridismo construiu uma visão muito peculiar de mundo no imaginário dos habitantes dessa região.

Dessa forma, nossa literatura tradicional regional (Grande Sertão: Veredas), que representa, simbolicamente o Brasil profundo, é homologadora dessas crenças das etnias Banto que estão inseridas de forma latente na religiosidade sertaneja, em uma clara demonstração, na literatura, da Criptomnésia Histórico-Cultural, presente no povo brasileiro.

A religiosidade dos brasileiros, e sua incorporação social, é uma representação imagética basilar da nossa cultura, e está relacionada diretamente com o nosso cotidiano, sendo aceito, de forma intelectiva, em todos os extratos sociais que compõem o espectro da sociedade brasileira, permeando valores e mentalidades, que espelham o nosso cerne psicossocial, formado por componentes psíquicos, religiosos e culturais dos Bantos.

Todos esses aspectos, da Criptomnésia Histórico-Cultural, na religiosidade de nosso povo, estabelecem a sua dimensão e abrangência, não podendo ser confundida ou reduzida ao conceito de sincretismo religioso, é muito maior que isso, é algo que está no cerne de toda a extensão espiritual dos brasileiros, sejam eles de qualquer crença ou religião. É um amálgama da espiritualidade, que une todos nós, de todas as classes sociais, nível de instrução e credos, é uma síntese do que somos.

A Festa do Rosário e as Guardas de Congado

“É tal a força da solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado se nada sabemos do presente.” (Marc Bloch)

A afirmativa, do historiador francês, Marc Bloch, é uma premissa importante para que possamos compreender a dimensão dos significados que a Festa do Rosário e as Guardas de Congado trazem para a diversa e complexa realidade cultural de nós brasileiros.

A Festa do Rosário e as Guardas de Congado, são detentoras, de todas as premissas da Criptomnésia Histórico-Cultural, pois são portadoras de memórias históricas, culturais, artísticas e religiosas, que se fundem, em uma única manifestação artística e religiosa.

Essa manifestação, traz à tona, todos os anos, em outubro, a cultura e a historicidade das etnias banto que vieram para o Brasil, nos tempos coloniais. Revelando, no presente, a riqueza e complexidade dessa história e cultura. Não à toa, foi tombada como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais.

Nossa Senhora do Rosário, foi levada para a África, pelo explorador português Diogo Cão, e por missionários dominicanos em 1483, para o Reino do Congo, e foi adotada pelos africanos das etnias Banto, que foram convertidos ao catolicismo, através da sagrada da Rainha Ginga de Angola, que se converteu ao cristianismo.

A Rainha Ginga, foi a responsável pela luta contra os europeus pela libertação de seu povo e do Reino do Congo, conseguindo fazer um acordo com os portugueses, e mantendo seu Reino independente por um longo período. Essa história é contada de forma simbólica e alegórica nas guardas de congado.

As Festas do Rosário dos Pretos, são uma tradição em boa parte do Brasil, tendo seu primeiro registro oficial em 1674 em Recife Pernambuco, e, posteriormente, no século XVIII, se espalhou por toda a região das minas, que atualmente conhecemos como o Estado de Minas Gerais.

A coroação e a sagrada, do Rei do Congo e da Rainha Ginga de Angola, realizada nas Festas do Rosário e nas Guardas de Congado, expressam um fator de resistência e resiliência dos Bantos em manter em terras americanas as marcas da sua origem, possibilitando que sua cultura, sua história e religiosidade, sobrevivesse por gerações, até chegar ao século XXI, após a grande diáspora.

A estética e a simbologia das festividades das Irmandades do Rosário, evidenciam a maior vitória cultural, que um povo dominado, infringiu ao seu dominador, na medida, que legou às gerações futuras de descendentes de africanos e europeus sua história, contada por eles mesmos, com as próprias vozes, valores, estéticas, artes e tradições. É um resgate

da memória oculta de um passado que está presente em nosso cotidiano, sem que consigamos entendê-lo, em sua integralidade.

Conclusão

Não podemos falar em cultura brasileira, sem falar da história, não escrita, mas, preservada, das várias etnias Banto que vieram da África e compõem o nosso patrimônio cultural, bem como de sua memória preservada, em diversas manifestações artísticas e religiosas, de forma subliminar e permanente, em nossa estrutura social. A nossa organização mental, psíquica, sensível e emocional é integrada por este legado, que está presente em nosso cotidiano, nas mais diversas formas.

O conjunto dessas representações e expressões reveladas como memória, nesses momentos de resgate dessas histórias preservadas, inseridas nessas manifestações artísticas e religiosas; demonstram nossa trajetória como civilização, sendo a materialização da Criptomnésia Histórico-Cultural, que forma nosso imaginário coletivo. O salvamento dessas lembranças ancestrais, constitui o que somos no presente, e seus efeitos em nosso modo de ser, agir e pensar.

O reconhecimento desse processo, como parte integrante de nossas aspirações, identificações e sentimentos, faz com que muito da nossa realidade, que até então não era compreendida, seja entendida como algo circunscrito a atualidade, quando, de fato, está inserido em um contexto mais amplo.

A ampliação desses significados, traz à tona memórias ocultas que não conhecemos em sua totalidade e, portanto, precisam ser sempre revisitadas, inclusive em nossa vasta literatura, para que possamos compreender nosso presente.

Referências:

Bloch, Marc. **Introdução à História**. Lisboa Portugal. Editora Europa América. 1987.

Infopédia em Linha. Porto Portugal. Editora Porto. 2023.

Mott, Luiz. **O Calundu-Angola de Luzia Pinta: Sabará 1739**. Revista do Instituto de Arte e Cultura. Ouro Preto. N. 1 p. 73-82. Dezembro de 1994.

Rosa, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo. Editora Nova Fronteira. 2015.

Souza, Marina de Mello. **Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação do Rei do Congo. Belo Horizonte**. Editora UFMG. 2001.

Histórico do autor:

JOÃO FLÔRES ALKMIM, é Professor de história e historiador, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. 1993.

Pós-Graduado em metodologia do ensino pela Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG. 1995.

Pós-Graduado em Neurociência e Aprendizagem – Instituto Pedagógico de Minas Gerais - IPEMIG. 2023.

Ocupou diversos cargos na Administração Pública, como:

Diretor de Escola da Rede Municipal de Ensino de Betim-MG, Secretário Adjunto de Educação de Betim-MG, Analista Educacional e Coordenador de Ensino da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, Secretário de Cultura e Turismo em Santa Luzia-MG, Coordenador de Políticas Culturais e Professor do Curso de Artes Cênicas na Fundação Cultural do Município de Contagem-MG, Diretor de Políticas Culturais da Secretaria de Cultura, Esporte e Juventude de Contagem-MG, Conselheiro em diversos conselhos de educação, turismo e patrimônio histórico, artístico e cultural em Minas Gerais.

Autor do Livro: Gestão Pedagógica – Novo Paradigma Para a Avaliação. Publicado em 2007. Autor, ainda, do E-Book: Raízes do Povo Brasileiro – Povo Banto e sua contribuição para o Brasil. Publicado em 2023; e, também, ensaísta na área de ciências humanas.